



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES –CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UHAis
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

**“QUANDO O BRASIL RESOLVEU CANTAR”: A IDENTIDADE NEGRA
NA MÚSICA DE SÉRGIO SANTOS E PAULO CÉSAR PINHEIRO**

EDVÂNIA DE AGUIAR PAULINO

ORIENTADOR

Prof. Ms. Ariosvalber de Souza Oliveira

**CAMPINA GRANDE, PARAÍBA
NOVEMBRO DE 2018**

**“QUANDO O BRASIL RESOLVEU CANTAR”: A IDENTIDADE NEGRA
NA MÚSICA DE SÉRGIO SANTOS E PAULO CÉSAR PINHEIRO**

EDVÂNIA DE AGUIAR PAULINO

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da Universidade Federal de Campina Grande, SECADI/MEC, como requisito para a obtenção do Título de especialista.

ORIENTADOR

Prof. Ms. Ariosvalber de Souza Oliveira

**CAMPINA GRANDE, PARAÍBA
NOVEMBRO DE 2018**

**“QUANDO O BRASIL RESOLVEU CANTAR”: A IDENTIDADE NEGRA
NA MÚSICA DE SÉRGIO SANTOS E PAULO CÉSAR PINHEIRO**

EDVÂNIA DE AGUIAR PAULINO

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da Universidade Federal de Campina Grande, SECADI/MEC, em comissão formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Ms. Ariosvalber de Souza Oliveira – UFCG
ORIENTADOR – PRESIDENTE DA BANCA**

**Prof. Ms. Ivone Agra Brandão – UFCG
EXAMINADORA INTERNA**

**Prof. Anne Gama – UFCG
EXAMINADOR EXTERNO**

Data da defesa e aprovação:

____ / ____ / ____

“QUANDO O BRASIL RESOLVEU CANTAR”: A IDENTIDADE NEGRA NA MÚSICA DE SÉRGIO SANTOS E PAULO CÉSAR PINHEIRO

Edvânia de Aguiar Paulino¹

Resumo

O presente artigo propõe a possibilidade de trabalhar com as afro-canções de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro em sala de aula, visando compreender a formação identitária da sociedade brasileira e buscar uma autoafirmação dessa identidade, a partir da análise e interpretação das canções do álbum “Áfrico: quando o Brasil resolveu cantar”, que trazem a história do negro desde a travessia do Atlântico, suas contribuições para a cultura nacional e sua integração definitiva à sociedade brasileira. Nesse sentido, o trabalho com tais canções possibilitará práticas pedagógicas que contribuirão para o combate de atitudes racistas e discriminatórias no ambiente escolar.

Palavras-chave: Música. Identidade. Autoafirmação.

Abstract

This article proposes the possibility of working with Sérgio Santos and Paulo César Pinheiro's afro-songs in the classroom, in order to understand the identity formation of Brazilian society and to seek a self-affirmation of this identity, based on the analysis and interpretation of the songs from the album "Africo: when Brazil decided to sing", which bring the history of the Negro since the Atlantic crossing, his contributions to the national culture and its definitive integration into Brazilian society. In this sense, working with such songs will enable pedagogical practices that will contribute to the combat of racist and discriminatory attitudes in the school environment.

Keywords: Music. Identity. Self-affirmation.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

INTRODUÇÃO

“Não haja alma branca ou luto negro, seja pra todos ou pra nenhum.”

Sempre me inquietou a questão racial no Brasil. Deparar-me com cenas de racismo e discriminação na escola é algo difícil de digerir, principalmente quando temos tantos recursos e meios de trabalharmos isso, pois o ensino público ainda nos permite um plano de curso flexível e dinâmico. Isso também é algo que nunca consegui compreender: se há essa flexibilidade nos planos de ensino das escolas públicas, por que a maioria dos professores persiste em continuar engessados em planos de curso conteudista, pautados num currículo que desconsidera as necessidades dos estudantes?

Partindo dessas inquietações, sempre busquei fazer algo diferenciado nas escolas por onde passei. Descobri a importância de conhecer os alunos e sua história de vida e observar como eles se comportam no ambiente escolar e o que tais comportamentos podem nos revelar sobre eles.

Trabalhei por dez anos numa escola de periferia e vez por outra, me deparava com atitudes racistas na sala de aula e embora eu interrompesse a aula para falar sobre o assunto, pude perceber que tais atitudes, na verdade, provinham do *pré-conceito* dos alunos sobre raça e etnia. Digo *pré-conceito* no sentido mais íntimo da palavra, ou seja, os alunos trazem conceitos pré-concebidos sobre vários assuntos, muitas vezes discursos que ouviram na rua, na TV, na internet, reproduzindo-os da pior forma possível. A partir daí, comecei a desenvolver projetos que pudessem lhes apresentar a história do Brasil, trazendo o índio e o negro sempre enquanto protagonistas.

Costumo dizer que a disciplina de Língua Portuguesa é muito rica, porque nos permite trabalhar vários temas nas aulas de leitura, interpretação e produção de textos. E aproveitei-me disso para trabalhar temas que eu considerava importantes para combater comportamentos e atitudes preconceituosas na escola. Acredito que o professor precisa ter autonomia para intervir sempre que achar necessário na sua sala de aula e na escola como um todo, afinal, nossa maior missão como educadores é contribuir para a formação de uma sociedade mais inclusiva e democrática e menos discriminatória e egoísta.

Foi por acaso, no ano passado, que descobri a música de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro. Estava pesquisando uma música que falasse sobre Chico Rei, rei africano que foi sequestrado e tornado escravo no Brasil, para trabalhar em sala de aula, num projeto que estava desenvolvendo com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Encontrei então a

música “Galanga Chico Rei” de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro. Logo, comecei uma longa e apaixonada pesquisa sobre o disco que trazia a respectiva música e, tal qual não foi minha surpresa ao descobrir que o CD inteiro se tratava da africanidade no Brasil. Amei tudo no CD, talvez por também pertencer ao ramo da música, ou simplesmente, por considerá-lo uma obra prima.

Sabemos que mesmo com a obrigatoriedade do ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas de todo o país há mais de dez anos, conforme a Lei 10.639/03, ainda é bastante comum a presença de comportamentos preconceituosos e racistas no ambiente escolar. É ainda perceptível a relutância em aceitar e respeitar a diversidade e a pluralidade de culturas existentes na sociedade.

Nesse sentido, a música do cantor, arranjador e compositor mineiro Sérgio Santos e do poeta letrista Paulo César Pinheiro, preferencialmente em seu álbum “Áfrico: quando o Brasil resolveu cantar” (2002), torna-se um valioso instrumento de trabalho na sala de aula, uma vez que propõe um olhar sobre a influência africana na cultura brasileira, cujas letras falam da trajetória do negro no Brasil, suas religiões e santos, sua cultura e costumes, a comida, a luta e a alegria – o que fez o Brasil se tornar o que é hoje, um país multicolorido, mas essencialmente crioulo- como afirma o próprio Sérgio Santos.

Nossa proposta aqui é levar a música de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro para a sala de aula, numa perspectiva interdisciplinar, para que a partir de leituras e debates sobre os temas tratados em suas canções possamos compreender a formação da identidade do povo brasileiro, propor a autoafirmação e desconstruir atitudes racistas, preconceituosas e intolerantes.

Para tanto, o trabalho será embasado em teóricos como HALL (2003), SOUZA (2014), SOUZA (2012) entre outros que dialogarão com as ideias aqui desenvolvidas, nos permitindo tecer considerações entre história, identidade e a música dos artistas em pauta e como isso pode ser relevante para o ensino.

A pesquisa será organizada em duas etapas: na primeira, apresentaremos os artistas e sua produção musical e na segunda, faremos uma análise das letras de duas canções à luz das reflexões étnico-raciais, conectada ao espaço escolar como possibilidade didática a ser trabalhada em sala de aula.

1. O BRASIL QUE CANTA AQUI JÁ CANTOU POR LÁ

“Negro que chamou pro Brasil se ver”

Sérgio Correia dos Santos, mineiro de Varginha, filho de alagoano e carioca. Exímio violonista, cantor e arranjador, revelado no palco em 1982, ao participar do espetáculo “Missas dos Quilombos” de Milton Nascimento. Afirma que a África foi o ponto de chegada do seu mais aclamado trabalho, o álbum “Áfrico: *quando o Brasil resolveu cantar*”, cujos versos intitulam este artigo. Artista consciente das influências africanas na nossa cultura e de que somos uma nação miscigenada. Assim também é sua obra: multicolorida e que narra a história de um povo multicolor. O artista desenvolveu tal trabalho em parceria com Paulo Sérgio Pinheiro que escreveu boa parte das letras que compõe o disco.

“Áfrico” nasceu da vivência de menino interiorano que ouviu os congados, os catopés², as folias de reis. E como filho de nordestino e de carioca, também os maracatus, os côcos, as cirandas e o samba. Todos os ritmos que ilustram “Áfrico” têm origem afro-brasileira, como jongo, samba, maracatu e afoxé. Alguns outros ritmos do CD foram criados da mistura destes com uma sonoridade jazzística sofisticada, diferente de tudo o que os brasileiros estavam acostumados a ouvir, mas que acaba nos remetendo às nossas raízes, ao trazer canções embaladas por batidas que aportaram algum dia junto com os navios negreiros por aqui.

Paulo César Francisco Pinheiro é filho de paraibano. Carioca, criado nos redutos do choro e do samba. Compositor e poeta, parceiro de músicos ilustres da MPB. Esposo da Cantora e intérprete Clara Nunes. Compõe desde os treze anos de idade e cresceu no meio de velhos sambistas. Declara em suas entrevistas a forte influência da cultura negra e indígena na sua formação:

O samba tem uma força muito grande em mim, ele sempre prevalece. Tenho mais de duas mil músicas compostas, acredito que setenta por cento devem ser sambas. Quando faço música sem parceiro, minha inspiração vem na maior parte das vezes em forma de afro-sambas – porque tenho uma mistura forte de negro, índio e branco. A minha avó é uma índia guarani e tenho muito negro na família, isso foi forte na minha formação. Talvez eu seja o compositor que mais faça afro-sambas no país. Tenho um disco inteiro sobre isso em parceria com o Sérgio Santos, que se chama Áfrico. As manifestações da Umbanda e do Candomblé me fascinam. Não sou religioso, não participo de nenhuma doutrina, mas o folclore negro me arrebatou.³

² Catopês: festa dançante de negros em Minas Gerais, modalidade de Congos.

³ FELIPE CANDIDO. Paulo César Pinheiro: Um compositor que une gerações – Parte I – O Compositor. 2011. Saraiva. Disponível em: <<https://blog.saraiva.com.br/>>. Acesso em: 20 de out. de 2018.

A música de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro, mais precisamente no trabalho “Áfrico”, é um verdadeiro grito de autoafirmação da cultura negra, uma vez que cada canção conta uma história preciosa para compreender a formação cultural do povo afro-brasileiro. Com um vocabulário marcado por dialetos *nagô* e *iorubá*, o que torna ainda mais curioso para quem ouve, a história do povo negro vai se revelando em cada verso, nos convidando a sentar e ouvir, invocando orixás, fazendo ressoar os tambores como um brado retumbante, que rasga o céu da nossa memória histórica e ancestral, adormecida pelo discurso impiedoso das classes dominantes.

Assim falando de música e história, muitas são as contribuições dessa união para o processo de ensino-aprendizagem. Sabemos que a música compõe uma linguagem universal que proporciona momentos de aprendizado lúdico, dinâmico, motivador e, principalmente, significativo, auxiliando os estudantes no desenvolvimento das suas habilidades de ouvir, interpretar e, conseqüentemente, de escrever. Nesse sentido, a música é uma ferramenta preciosa para despertar o senso crítico.

Segundo Montenegro (2016, pág. 199), “a música como fonte de pesquisa para o historiador traz, como uma das principais contribuições, as marcas do tempo em que foi composta e seus vestígios sobrevivem para a posteridade”. Isso significa que o trabalho com canções embasadas em fontes históricas não só fortalece a aprendizagem em sala de aula, ao explorar seus elementos, como se torna ferramenta de pesquisa imprescindível.

Além disso, o trabalho com textos que explicam e valorizam a cultura negra, no caso as letras das canções de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro, não somente levam à reflexão como propiciam um olhar diferenciado sobre o povo africano e afrodescendente, levando os estudantes a relacionarem as culturas brasileira e africana, bem como a se identificarem com esse povo tão importante na história do Brasil, transformando o espaço escolar num ambiente plural, livre de preconceitos e de negatividades atribuídas à cultura afro.

Se “a canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação e alcança uma dimensão ampla da realidade social” - Moraes (2000), por que não a incluímos em nossos planos de ensino? Pois, ainda segundo esse autor, a música popular poderia ser encarada “como uma rica fonte para compreender certas realidades da cultura popular e desvendar a história de setores da sociedade pouco lembrados pela historiografia”, o que é basicamente a proposta desse trabalho.

É preciso considerar a amplitude de temas que podem ser explorados nas músicas de “Áfrico”. São dezoito faixas que narram desde a dura travessia do Atlântico até o dia em que

os negros cantam sua liberdade, ou seja, é a sociedade afro-brasileira cantada num trabalho de importância histórica inestimável.

Outro ponto que precisamos estar atentos diz respeito a atitudes racistas e preconceituosas no âmbito escolar. Algumas pesquisas mostram que o racismo em nossa sociedade constitui um ingrediente para o fracasso escolar de alunos negros, segundo informações obtidas no Censo Demográfico de 2010 e compiladas em um recente estudo do Unicef⁴. Uma vez vítimas de rejeição e discriminação por causa da cor da pele, esses alunos perdem o interesse pelos conteúdos, o que resulta num rendimento escolar muito abaixo da média e que pode estar diretamente relacionado a uma forma velada de preconceito que ganha força no ambiente escolar, disseminado inclusive por professores. Nesses casos, sabemos que muitos alunos negros não se autointitulam assim, justamente pela imensa carga de negatividades que tal declaração ainda carrega.

Sabemos também que esses são exemplos lamentáveis e danosos para a educação. Por isso mesmo é que necessitamos de estratégias de ensino que levem questões como essas para a sala de aula, que formulem debates embasados na história, pois não há como entender a formação sociocultural do Brasil sem conhecer e compreender suas estreitas relações com o continente africano. É necessário que os estudantes encontrem-se na História para que possam assumir e se orgulhar de serem negros e a partir disso afirmarem sua identidade.

Durante muito tempo se difundiu aqui a ideia de que nosso país era livre de discriminação e isso convenceu muita gente, exceto aqueles que sempre sentiram na pele como é ser encarado como diferente ou inferior, mesmo quando era apenas uma forma de olhar, de encarar, cheia de palavras preconceituosas nunca proferidas. Tudo isso porque houve, por parte das classes dominantes, a difusão de uma única cultura gerenciada como modelo de identidade nacional. É com base nisso tudo que necessitamos desconstruir tais ideias que parecem ainda estar enraizadas na sociedade, a começar pela negação de uma identidade racial, já que é sua construção que quebrará o estereótipo do negro sempre relacionado a um ser marginalizado.

Somos conscientes de que a sociedade brasileira é composta por diferentes grupos e culturas e o racismo dificulta o diálogo entre eles, pois estabelece identidades opostas para negros e brancos, embasadas em estereótipos, na maioria das vezes, negativos para os negros e positivos para os brancos, tornando-se uma forma de negação ou de alteridade da população.

⁴ Dados obtidos no site: <https://www.ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/4808/o-que-afasta-as-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola>. Acesso em 09/12/2018.

Nesse caso, nos referimos à identidade como uma forma de se reconhecer próximo a um conjunto de afinidades coletivas, constituindo a visão que o sujeito tem de si mesmo.

Contudo, consideramos que a identidade é algo inacabado e ainda em processo, que se manifesta a partir da consciência de ser diferente em relação ao outro por que, segundo (LARKIN, 2003) “o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais providas dos outros”. Assim também nos propõe Hall (2003) que:

“Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto – como nas fantasias do eu “inteiro” de que fala a psicanálise lacaniana – as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas.” (HALL, 2003, p. 61-62).

Diante disso, pensar a nação como uma cultura unificada e homogênea é contraditório e equivocado, pois ainda seguindo o pensamento de Hall, a maioria das nações foi formada por culturas diferentes e separadas, que só se unificaram a partir de um longo e violento processo de conquista. Ressaltamos, porém, que o autor se refere essencialmente às nações europeias, contudo, aqui a história não foi diferente. O que propomos, é que a partir de um trabalho com músicas que recontam esse processo, os estudantes possam compreender que é justamente nas diferenças culturais que podemos encontrar nossa identidade nacional e que é preciso, portanto, “costurá-las” numa única identidade.

Analisemos a letra “Áfrico” de Paulo César Pinheiro que dá nome ao álbum e como a questão da identidade nacional nela se faz presente:

Quem foi que fez brasileiro bater
 Tambor de jongo?
 De onde é que sai quem batuca com o pé
 Terno-de-Congo?
 Quem é, me ensina quem foi
 Que fez o povo dançar
 Tambor-de-Mina, Bumba-meu-boi,
 Boi-bumbá,
 O bambaquerê,
 O samba, o ijexá,
 Quando o Brasil resolveu cantar?

Quem foi que pôs o lamento na voz
 Da lavadeira?
 Quem fez aqui baticum, candomblé
 E a capoeira?
 Quem trouxe o maracatu?
 Quem fez o maculelê,
 Mineiro-pau, côco, caxambu,
 Bangulê,
 A xiba, o lundu,
 O cateretê,
 Quando o Brasil resolveu cantar?
 Me diz quem foi que fez
 A dor se transformar
 Em som de carnaval,
 Em batucada,
 Em melodia?
 Que força fez mudar
 Toda tristeza
 Em alegria,
 Quando o Brasil resolveu cantar?

Essa letra nos faz refletir através da pergunta, “Quando o Brasil resolveu cantar?”, sobre a questão étnico/racial a partir do “nacional”. O verbo “cantar”, na verdade, carrega outro significado, muito mais abrangente e que se refere mais precisamente a “*quando o Brasil resolveu assumir-se multirracial?*” e que agora, além de ouvir e dançar vai fazer uma autorreflexão sobre suas origens, indagando sobre “quem” produziu determinadas manifestações presentes nesta parte da nossa história. No desenrolar da canção, podemos perceber os diferentes ritmos musicais que o compositor vai citando, e numa pergunta retórica fica clara a afirmação de que tantos ritmos diferentes contribuíram para que o Brasil pudesse enfim ‘cantar’ sua identidade nacional.

“Áfrico” é uma palavra usada para designar os negros nascidos na África. Sérgio Santos não poderia ter feito escolha melhor para intitular seu trabalho, já que nele o processo de integração dos africanos à sociedade brasileira é esmiuçado do início ao fim. A autora

Laura Olivieri Carneiro de Souza em seu livro “Quilombos: identidade e história”, nos fala melhor sobre essa integração:

O Brasil foi ocupado por portugueses e africanos. Os primeiros foram colonizadores dos segundos e dos povos que encontraram quando de sua chegada, e também dos habitantes que aqui se enraizaram, fruto do cruzamento entre essas três origens culturais diferentes – o que acabou implicando a caracterização do povo brasileiro como tipicamente mestiço, com expressões culturais e simbólicas bastante sincréticas. (SOUZA, 2012, p.25)

No entanto, a hierarquização das raças, etnias e culturas legou para os negros uma interpretação negativa construída em meio a imagens que estigmatizaram os africanos, tratando-os como sinônimo de escravizados, pois ao pensarmos no povo africano, é quase inevitável não relacionarmos ao processo histórico de construção da sociedade brasileira na perspectiva da escravidão. Contudo, não podemos esquecer que, apesar das condições adversas, as expressões culturais africanas resistiram e se fazem presentes em quase todas as manifestações culturais brasileiras.

Ao trabalhar com as culturas afro-brasileira e africana na escola, o que se busca não é simplesmente a troca de uns heróis e divindades por outros, nem a supremacia dos negros sobre os brancos, mas uma diretriz educacional que possibilite uma pluralidade de visões de mundo e uma democracia racial em que o respeito à diversidade seja o foco principal.

Vale ressaltar que “Áfrico” não se trata de um canto de banzo, a saudade ancestral e melancólica que os negros escravizados sentiam do seu lugar de origem. Trata-se, portanto, da afirmação de uma sociedade multirracial que precisa ser contada e cantada, para que o Brasil, de fato, possa se reconhecer. É o som da voz negra que convida o Brasil para se ver.

2. IDENTIDADE E AUTOAFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE EM “ÁFRICO”

“Negro, negro, mas não sou mais de lá. Brasil já é meu gongá.”

A música é uma das manifestações culturais mais antigas da humanidade e grande tem sido sua influência para a mente humana. É considerada uma forma secular da expressão de sentimentos e de integração social e tem desempenhado, ao longo da história, “um papel importante no desenvolvimento do ser humano e contribuído para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício da cidadania” (LOUREIRO, 2003).

É fato que o Brasil possui uma riqueza cultural e artística que precisa ser incorporada ao seu projeto educacional. Isso só acontecerá se a escola começar a valorizar e inserir

conteúdos e formas culturais presentes na diversidade da textura social. Contudo, muitos obstáculos ainda são encontrados nesse âmbito. Segundo Moraes (2000), a canção popular enquanto documento histórico, ainda encontra-se num campo restrito e precário e acrescenta ainda:

“Um dos obstáculos gerais colocados às investigações no campo da música é a dificuldade em circunscrevê-la como uma “disciplina” voltada claramente para a produção do conhecimento. Algumas discussões e debates internos na área da musicologia têm procurado ressaltar a condição da música como um objeto de conhecimento, estabelecendo, assim, a distinção – se é possível mesmo fixar tal distinção! – entre “o fazer científico e o fazer arte” e, conseqüentemente, entre os pesquisadores e os artistas. Sua identificação e organização enquanto disciplina possibilitou certo avanço científico nos últimos anos ao incorporar as contribuições vindas da etnologia, arqueologia, linguística, sociologia e, mais tradicionalmente, da estética e história.” (MORAES, 2000, p. 209).

Mas é necessário que tenhamos um olhar apurado sobre tais questões e pensemos a música enquanto produto da história e da interação entre os homens e com a natureza e através do seu estudo como um bem simbólico, podemos descobrir estratégias de afirmação da identidade afro-brasileira. Portanto, as canções analisadas a seguir têm exatamente esse objetivo.

Vejamos a letra da canção “Gongá” de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro:

“Vim de longe, de um Reino de além do mar.
 Vim marcado que nem o gado de lá,
 Num porão de navio,
 Sei de dor, fome, frio,
 Sem poder nunca mais voltar.
 Remo nas mãos,
 Ferro nos pés,
 Sangue riscando o olhar.
 Vim nos grilhões,
 Vim nas galés,
 Eu vim da África.
 Fui escravo, falar de açoites nem dá.
 Meu lamento ainda ecoa no ar,
 Mas quebrei a corrente,
 Ninguém manda na gente,
 Nunca mais ninguém vai mandar.

Sou meu senhor,
 Meu dono e rei,
 Na força de Oxalá.
 Da minha cor
 Me orgulharei,
 Sempre, oh Mãe-África!
 Negro, negro,
 Mas não sou mais de lá.
 Brasil já é meu gongá!
 Negro, negro,
 Mas não sou mais de lá.
 Brasil já é meu gongá!”

Essa é uma das mais belas canções de “Áfrico” e que narra a triste e difícil trajetória do negro trazido da África para ser escravizado no Brasil, desde a dura travessia do Atlântico, nos navios negreiros até sua liberdade e seu reconhecimento enquanto parte integrante do povo brasileiro. É uma espécie de lamento do esquecimento, como um hino ao “apagamento” das diversas raízes que foram trazidas para o que hoje é o Brasil. A condição desumana como os negros foram trazidos para cá é narrada num tom melancólico, marcados como um “gado”, acorrentados a um porão de navio sem um mínimo de dignidade, separados bruscamente de suas famílias e do seu povo.

Sabemos que a maioria dos negros escravizados teve suas memórias sufocadas, a começar pela perda de seus nomes, a maior expressão da identidade individual. Depois, tiveram que abrir mão da sua língua e das suas crenças, sendo assim, obrigados a assumirem uma identidade “emprestada”.

No verso “*Brasil já é meu gongá*” a África é realmente deixada para trás, uma vez que já não há mais condição de retorno, e o Brasil se torna agora seu altar de adoração identitária. A palavra “*gongá*” ou “*conga*” vem do idioma banto e na umbanda significa *altar*. É um local consagrado onde se concentram energias. Na canção, a metáfora utilizada coloca o Brasil como o lugar, não escolhido, mas aceito e consagrado através da dor e do sofrimento. O eu

lírigo ⁵ traz consigo o orgulho de ter se libertado de toda a dor e recuperado sua dignidade ao “quebrar as correntes” e tornar-se livre:

“Mas quebrei a corrente,
 Ninguém manda na gente,
 Nunca mais ninguém vai mandar.
 Sou meu senhor,
 Meu dono e rei,
 Na força de Oxalá.
 Da minha cor
 Me orgulharei,
 Sempre, oh Mãe-África!”

O eu lírico também demonstra orgulho por sua cor e sua origem africana, mesmo tendo agora o Brasil como seu novo lugar. Essa “aceitação” era muito difícil e muitos negros nunca se conformaram com a ideia de romper bruscamente com os laços de seu continente, até porque, os conhecimentos trazidos da terra natal eram tudo o que possuíam e abrir mão disso não era nada fácil. Segundo Marina de Mello e Souza:

“Ao serem escravizados, os africanos tinham todos os seus laços sociais anteriores rompidos, e depois da longa travessia entre a terra natal e algum lugar do Brasil, voltavam a buscar pontos de referência que orientassem seu comportamento, pessoas que os ajudassem e partilhassem com eles o seu dia a dia.” (SOUZA, 2014, p. 104).

Tal processo era longo e doloroso, pois envolvia a busca de uma nova identidade. De acordo com (SOUZA, 2014), “as identidades de uma pessoa podem ser muitas e mudam ao longo da vida”, isso é o que a autora denomina de “reinvenção de si mesmo”: “*Negro, negro, / Mas não sou mais de lá. / Brasil já é meu gongá!*”

É importante que os estudantes conheçam a história dos africanos e entendam que a população negra, que foi trazida para cá, tinha uma história de vida passada no continente africano, pois não raro a ideia que se tem é a de que os negros surgiram de um ambiente onde não existia uma cultura e que foram capturados de algum lugar da “África” e trazidos ao Brasil sob a condição natural de “escravos”. Muitas dessas pessoas eram personalidades importantes nos seus reinos e ao chegarem aqui foram forçadas a trabalhar em condições

⁵ Eu lírico é um conceito que designa a voz que se manifesta na poesia. Criada pelo poeta, essa voz apresenta reflexões, sentimentos, sensações e emoções de um sujeito fictício que discursa em primeira pessoa (Eu). No caso, a letra da canção é semelhante a uma poesia, pois apresenta elementos tais como na poesia.

degradantes e obrigadas a negar a sua história de vida, seus direitos, seus valores para alimentar um mercado deplorável.

A respeito disso, Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro nos presenteia com outra música, cuja letra narra a história de Chico Rei, intitulada “Galanga Chico-Rei”:

“Ganga
 Galanga era Ganga
 De jaga e Catanga,
 Quebrava com anga
 Cafife e cafanga,
 Galanga era Ganga...
 O Rei do Reino do Congo foi Aluquene
 Muene-Congo
 O seu fundador, seu rei imortal.
 Senhor dos Jibas, dos Dembos e dos Engombes
 E dos Mulumbos
 Do Congo era Ganga, era o Rei Geral.
 Senhor de Angola, Benguela, Canga, Cabinda
 Tanga, Calinda, Malembo, Matamba, Dunga-tará,
 Soba dos Matambulas,
 Dos reinos de aquém e de além-mar
 Galanga vinha do sangue de Aluquene
 Ganga-Muene
 Macota-Babá da Casa Real.
 O Capitão-Comandante da Guerra Preta
 De Maramara
 O grã-lutador, o Rei maior.
 Muzungo veio e Galanga foi no tumbeiro
 Pro cativo,
 Deixando o sagrado Congo pra trás,
 Mas rei de Zâmbiapongo
 É rei onde chega, Obá dos Obás
 Foi assim, hoje eu sei

Que nasceu Chico-Rei
Rei da África e Rei das Minas Gerais!”

Segundo Nei Lopes (2006), Chico Rei é um personagem da história de Minas Gerais e que, de acordo com relatos que mesclam realidade e fantasia, teria sido uma espécie de monarca ou sacerdote no Congo, chamado Galanga. Galanga teria sido vendido para o Brasil e trazido para Ouro Preto, onde teve de abrir mão do seu nome e passou a ser chamado de Francisco, apelido “Chico”. Segundo tais relatos, alguns anos depois, Chico conseguiu sua alforria e comprou uma mina de ouro, além de alforriar centenas de outros escravos que se tornaram seus “súditos”.

Realidade ou ficção, Chico Rei representa a história de muitas pessoas que, por várias razões foram afastadas de seu continente e tornadas escravas em várias partes do mundo. Segundo (SOUZA, 2014), eram muitas as razões pelas quais uma pessoa se tornava escrava na África:

“A maior fonte de escravos sempre foram as guerras, com os prisioneiros sendo postos a trabalhar ou sendo vendidos pelos vencedores. Mas um homem podia perder seus direitos de membro da sociedade por outros motivos, como condenação por transgressões e crimes cometidos, impossibilidade de pagar dívidas ou mesmo de sobreviver independentemente por falta de recursos.” (SOUZA, 2014, p. 47)

A introdução dessa canção enaltece a figura de Chico Rei trazendo um vocabulário carregado de palavras do *iorubá* que exigem o uso de um glossário para entendermos melhor, pois se tratam de termos e expressões que o compositor Paulo César Pinheiro aprendeu no convívio com gente de diferentes partes do país, ouvindo música ou lendo sobre cultura brasileira: *Ganga* significa rei, *jaga* e *catanga* são povos do Congo, *anga* quer dizer alma, *cafife* significa dificuldade, aborrecimento, *cafanga* quer dizer emboscada, cilada. Em outras palavras, esses versos exaltam um rei que encarava o inimigo sem medo, superando as dificuldades e vencendo as emboscadas com honra e dignidade: “*Ganga Galanga era Ganga / De Jaga e Catanga, / Quebrava com anga / Cafife e cafanga, / Galanga era Ganga...*”

De acordo com a letra em análise, Galanga é descendente da linhagem real de Aluquene, liderou a “guerra preta” ou batalha de Maramara como comandante, ganhando com isso respeito da população do Congo. Porém, é capturado por um *muzungo*, ou seja, por um homem branco. Essa palavra era usada vulgarmente na África para designar os senhores ou patrões brancos e aqui se refere aos portugueses: “*Muzungo veio e Galanga foi no tumbeiro / Pro cativoiro, / Deixando o sagrado Congo pra trás*”.

Os versos que finalizam a música ressaltam a superação da condição de escravo a qual Chico Rei foi submetido por muitos anos: “*Mas rei de Zâmbiapongo / É rei onde chega / Obá dos Obás / retomando, segundo relatos, uma posição de prestígio na sociedade mineira. A história de Chico Rei é apenas uma de muitas outras histórias de reis e rainhas que aqui aportaram, porém sem o final de glória. A maioria dessas pessoas teve seu canto silenciado pela dor e pelo desprezo, como o próprio Paulo César Pinheiro resalta em outra de suas canções: “Ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil.”*”

Embora as desigualdades observadas estejam estreitamente relacionadas aos quase quatro séculos de escravismo que a geração atual herdou, o racismo e as práticas discriminatórias, disseminadas no cotidiano brasileiro não representam apenas uma herança do passado. O racismo vem sendo alimentado ao longo de toda a nossa história.

Contudo, vale ressaltar que antes de falarmos sobre racismo, ou mesmo sobre uma educação antirracista, é necessário levar ao ambiente escolar a história do negro no Brasil e da formação de uma cultura afro-brasileira. É preciso entender, compreender e aceitar-se enquanto negro. Só depois disso, é possível uma maior compreensão das heranças culturais e seus ecos na sociedade brasileira, pois não se pode haver respeito sem reconhecer a diversidade e ignorar os caminhos percorridos até aqui.

Assim, inserir a história da África e dos africanos aos conteúdos de sala de aula, na perspectiva da interdisciplinaridade, é uma oportunidade de abrir espaços de expressão e de atribuição de importância a temas silenciados pelas memórias dominantes. Diante disso e entendendo a educação escolar como parte constituinte do processo de formação, humanização e socialização dos indivíduos, torna-se imprescindível a elaboração de novas estratégias e práticas associadas aos processos culturais e à construção das identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As culturas africanas se fazem presentes em diversas camadas sociais no Brasil e talvez a maior expressão dessa influência encontre-se na música como forma de resistência e preservação da história. Nesse sentido, a música tem um papel importante na construção da identidade negra, uma vez que, trabalhada na escola, pode instruir os estudantes a respeito da história e cultura africana e afro-brasileira, possibilitando assim novos olhares, tanto para si mesmo quanto para o outro.

A ideia desse artigo surgiu justamente do sentimento de inquietação ao ver o descaso com que são tratadas as questões raciais, tanto no ambiente escolar como na sociedade como

um todo. Cabem a nós, educadores, revertermos esse quadro lamentável, pelo menos no ambiente escolar, o que já podemos considerar um grande avanço para o enfrentamento de atitudes racistas e intolerantes na sociedade.

Nesse sentido, a sanção da Lei nº 10.639/03 é um passo inicial rumo à reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para a nação brasileira adotar medidas para corrigir os danos materiais, físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação.

É necessário, portanto mudar ideias e concepções pré-concebidas a respeito do povo afro-brasileiro e não há outro caminho senão o da história da formação do Brasil. Para tanto, podemos continuar cometendo o erro de se ensinar História apenas nas aulas de História! Torna-se imprescindível, identificar possibilidades de mudança nas estratégias educacionais para então se ter uma efetiva integração entre as diferentes áreas do conhecimento.

A formação do povo brasileiro é uma questão que perpassa a educação de modo geral e é dever de todos os educadores o debate de tais questões em suas aulas, não apenas em datas simbólicas, mas sempre que julgar necessário. Mas para que a interdisciplinaridade funcione de fato, é importante que a disciplina de História não seja mais vista isoladamente, como a ciência que estuda apenas o “passado”.

Dessa forma, as análises das músicas, ou afro-canções de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro, bem como sua devida interpretação em sala de aula, podem contribuir para a construção de olhares diferenciados sobre os acontecimentos passados e ressignificar os acontecimentos do presente, considerando a realidade social dos estudantes e ampliando a compreensão acerca das questões étnico-raciais.

É necessário, portanto, que sejamos incansáveis na luta pela busca de estratégias pedagógicas que aprimorem a qualidade do ensino, para que com isso possamos ter condições de reparar identidades e construir uma sociedade brasileira consciente da diversidade étnico-racial como constituinte de seu processo de configuração, e por consequência, conhecedora de si mesma e aberta para a reflexão e a valorização das diferenças.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7.Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2016.
- LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- MONTENEGRO, José Benjamim. **A música no front de combate ao racismo**. In: Souza, Antônio Clarindo Barbosa de. et al. (Orgs.). Educação para as relações étnico-raciais: identidades, etnicidades & alteridades. Campina Grande-PB: Editora do CCTA, 2016, 326p.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e Música: canção popular e conhecimento histórico**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.20, nº39. 2000.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.
- SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**. - 1.Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. - 1.Ed. São Paulo: Ática, 2014.